

O dragão que está á entrada do palácio anarquico nada tem de terrivel: é uma palavra apenas! — *Ellsée Reclus.*

# A PLEBE

A Natureza engendrou o direito de Comunidade, e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade. — *Santo Ambrósio.*

TODA A CORRESPONDENCIA AO ADMINISTRADOR  
CECILIO MARTINS

ENDEREÇO CAIXA POSTAL 195 — S. PAULO  
Sede: LADEIRA PORTO REAL, 9

ASSINATURAS: Ano, 10\$000; Semestre, 5\$000  
PACOTES: Caixa 12 exemplares, 1\$000  
NUMERO AVULSO 100. REIS

## LEIS DE REPRESSÃO

Oralmente, isso, que se convencionou chamar código das leis não passa de freio, jugo, corrente, gargalheira, tábego, chicote, bacalhau, knout para, submisso e escravizado um povo, ser movido e conduzido á vontade, docilmente encadeado e oprimido para melhor o explorar, como se explora uma besta de carga e ser sacrificado em guerras sanguinolentas como essa que se desencadeou pelo mundo e em que pereceram ou ficaram mutilados mais de vinte milhões de homens. (a população inteira do Brazil), que representaram o triste papel de rezagados no salo deo.

Os homens que, mais fortes e astutos cúpidos e ambiciosos, puderam constituir-se e estabelecer-se, pelo terror dos nites e da espada, sobre as multidões essencialmente creduas e covardes ante o maravilhoso e o genio guerreiro, pois logo fizeram, cuidadosamente, o que, chamaram lei, que não é, de facto, mais que a vontade absoluta do supremo sacerdote, imposta á fim de consagrar e perpetuar, pela obediencia passiva dos povos, a conquista, usurpação, predomínio, soberania e gozo.

A teocracia hebraica dita a lei do Senhor Deus dos Exerçitos, um deus terrível e vingador, cruel, inlquo, atrozissimo: tal era o espirito do sacerdotio semítico.

Si Caré, Dantán, Abirán e outros se revoltaram contra o jugo feroz do despota, o senhor levava manda sepulturas nos abismos, devorados pelo fogo, bem como a seus 250 companheiros: si Arão, grande sacerdote, faz o bezerro de ouro, Moisés (seu irmão) ordena, em nome do terrível mito, a matança de 23.000 irmãos; e si Osa lóca na arca misteriosa, paga imediatamente sua louca temeridade. Este deus feroz, que não é mais que o símbolo do genio bestial e sanguinario da raça, castiga a nos possesores a iniquidade (a seu juizo) dos ancestrais, decreta a lei de talão, dizendo algures: «Termeis ao senhor teu deus e a ele servirás; com esta ameaça: «Eu farei cair sobre vós a espada vingadora do meu concerto (Levilico, XXIV); e outro lugar: «Si não me obedecerdes, tornavos eu o céu como ferro e a terra como bronze.» As religiões deram principio á tirania e ao despotismo, e promulgaram, por ordem dos deuses, as infâmias a que chamaram mandamento, lei, justiça. Pois que significa o termo religião senão ligar, prender, agrilhoar?

Pois o papa não diz que pôde atar e desatar tanto na terra como no céu?

É que outra coisa é a lei senão o laço de ferro, a cadeia, a braga, o cutelo, a espada que atá e desata?

«Cré ou morres!» — diz a fórmula de morte no cristianismo e no proprio maometismo, em todas as religiões positivas, e identica fórmula, ou essencia igual usa o Estado na sanção de suas leis liberticidas. *(Quero, posso e mando, por graça de Deus: Dieu et mon droit; L'Etat est moi; lex voluntas regis: dicitur lex stultorum, etc.)*

dragão monstruoso — o Capitalis o mal dos males; a origem de todas as calamidades...

Mas a lei ceterada que agora se quer fazer passar num Congresso republicano, por uma irrisão do destino cognominado democratico — amigo do povo e eleito pelo povo — é o requinte da perversidade, o probro infamante do Brazil, deshonra da humanidade, lei que um povo consciente e biroso não pôde consentir, sem ser olhado com execração por todos os outros povos livres e dignos.

Inteiramente, a maioria do povo, pateando uma inconsciencia que se assemelha á cobardia, sujeitar-se á esta humilhação, porque lhe dizem, para o enganar, que a lei é para os estrangeiros. E assim essa força caudina passara; o povo degradou-se até essa abjeção de ter em seu código uma lei monstro, assistia apático ao espectáculo horrroso da sua miseria fisica e moral, da immolação de seus irmãos innocentes; não murmurava, paciente, resignado, fatalista, ou criminoso inconsciencia ou um criminoso egoismo.

Mas, um povo que assim se submete, assim se vexa, assim se aniquila, não é digno de liberdade.

Povo! Lázaro! Lázaro! levanta-te e caminha! Surge et ambula...

E. D.

## O REI HEROI...

Chegou desgraçadamente! Mas, ao contrario do que se deu no Rio de Janeiro. As manifestações esteve a altura do culto povo paulistano. Não houve espalhafatosidades, apoteosis glorias, vivas, cores, não houve nada. Só um militar entre outros tantos militares, seguido de um cortejo de homens de «fracs», «smokings» e «chaleiras» de aspetos fimbres.

O rei passou, como um illustre prisioneiro... do protocolo, pelas ruas que queriam indicar a companhia desta opulenta fazenda, acompanhando o meia dúzia de refinadissimos burguezes, seccos, soldados, cavalheiros e guardas civicos. Até os estudantes em direito fizeram causa commum com o povo frabalhador, quem progaram-se a lambes as botas do «rei magnânimo» e do Tio Pita. Foi toda essa pompa digna de um rei heroi que o povo da paulicã brindou ao benemerito fundador do povo belga.

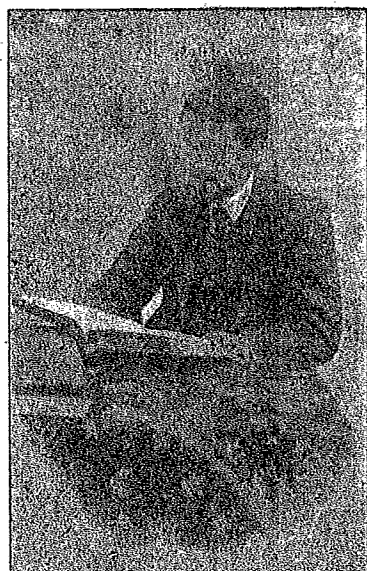
A nota característica entre tantas notas ridiculas, offeceram-se duas ou tres «melindrosas», da rua Guanayans e Timbira, arrojando flores; despetaladas sobre a carroça triunfal do Alberto e do Pita.

Desta vez o catolico Tio Pita e o grande Alberto (pela estatura se entende, comprovaram positivamente, que o escravo povo do passado morreu com a tradição preterita, e que hoje, um povo novo, viril e fecundo, livre como o ar e as aguas, plasma no coração do cosmopolitismo brasileiro á alma etnoplógica de sentimentos humanos, de justiça e amor, uma alma disposta a viver sem governos, sem Estados, sem tiranos e parasitas, sem Tios Pitas e sem reis herios.

Salve, pbr, o rei soldado! Salve, Tio Pita, imperador de todos os Brazils! Salve!

CLAUDIO DE AZAS

## Francisco Ferrer O ANARQUISMO NO



O apóstolo da educação da infancia, por esse crime fuzilado em 13 de outubro de 1909, pelo governo espanhol, em obediencia ao clero miseravel e rancoroso da igreja catolica apostolica romana. Onze annos são passados e Ferrer revive na alma de todos os homens que alimentam esperanças de viver em uma sociedade de iguaes.

### Anotações

A exiguidade territorial obrigou os naturais a buscarem além o que não encontram na sua terra; por isso, um poiz vastissimo (como o Brazil, que poderia viver dos seus proprios recursos, não pode ser potencia marítima.

Sera indolente arrastarmos os perigos das grandes viagens para buscar além-lugar o que temos de sobra na nossa terra.

Os paizes de marítimos, como a Fenícia, Cartago, Portugal e Inglaterra sempre foram rancorosos e sempre...

Ha uma chaga purulenta a cobrir todo o dorso da terra: o burguez.

Como cheira mal essa gente!

E pior do que as «rumbas»...

O é preciso um heroismo, um heroismo sobre-humano, para ser um vendeador anarquista, isto é, persistir na luta quando ao redor tudo burocracia, tudo apoplexia, quando se vê uma multidão, como a massa de desaventurados cuja aspiração é prostituir-se por um emprego publico ou por um casamento rico; quando se observa a terra-mãe vendida pelos proprios filhos ao capitalismo extrangeiro acambardado; quan-

## MOMENTO ATUAL

V  
Giolliti, ha alguns annos, respondendo a um deputado socialista, dizia que «Marn tinha sido relegado para o comodo do ultimo andar». Na verdade, embora os socialistas não cessassem de apelar ao Marn, ninguém pensava em se limitar á doutrina dele, que era aqis de difficil definição neste sentido, a tal ponto que George Sorel pôde escrever a este respeito: «Eu pergunto-me até que ponto Marn era seriamente comunista».

Mas eis que se nos anuncia a renascença do marxismo, o que nos levará novamente ás antigas polemicas. Procuramos então assentar em primeiro lance a questão de medo claro e definido, sem nos deixarmos desviar pelas discussões sobre seus particulares.

Quer-se realizar o comunismo com o pelo Estado ou sem o contra o Estado?

Quasi na impotencia dos socialistas tem sempre repudiado o socialismo de Estado; mas eles nunca fizeram outro socialismo. E, hoje mesmo, não cabe a menor duvida de que na Russia, todos os esforços dos dirigidos bolchevistas tendem á estatização em todos os domínios. Actua-se a mádo, nas publicações dos diários russos, a contradição daquilo que escrevia Proudhon: «...o medo do povo é o mal de todos os que pertencem á autoridade; o povo, para o poder, é o inimigo. Sob o pretexto de que o povo é inconsciente, ignorante, egoista, facil em deixar-se arrastar e ludir, á necessidade duma propriedade, duma gestão e dum controle pelo Estado sempre mais extensos, com a submissão completa, incondicional e absoluta do proletario dilador — como se diz com respeito ao cidadão ozerano no regimen das democracias — é constantemente afirmado pelas autoridades bolchevistas.

Nós não pretendemos certamente que as massas tenham de ser intimes de erros e que, durante o periodo de liricismo pela liberdade, a inesperienza e o atavismo servil, não se tornem algumas vezes a causa de sabotage contra as proprias aspirações; mas, não sabemos nos porque, sob o pretexto de querer impedir um mal, a autoridade tem sempre sido a causa de males muito maiores? Por qual milagre pois será que tal autoridade se chama proletaria? Certos doutores em materialismo historico esquecem simplesmente de fazer a applicação deste principio sobre as proprias possesões.

E mais ainda: enquanto alguns burguezes têm confessado que o poder acaba por atrofiar-se e embutecer, eles pretendem, ao contrario praticando-o e defendo-o.

Sujeitos permiitido de manifestar todo o nosso pessimismo a esse respeito.

Em conclusão: o bolchevismo quer a propriedade, a gestão, a administração, a dominação pelo Estado. E' verdade que alguns opinam que isto mudará completamente e não terá mais nada de commum com o Estado burguez; mas a secular experiencia não nos demonstra, ao contrario, que as instituições, quando renascem, são sempre mais ou menos identicas, e isso justamente graças ao Estado, o eterno zelador encarregado de restabelecer a ordem? Pode-se pois afirmar que se esta tarefa for mais uma vez confiada, ás reformas, profundas, radicais ao principio, irão ate-

quando-se de dia para dia. E a revolução será mais uma vez suffocada. Se fosse verdade, como se tem pretendido demonstrar, que o socialismo não é mais do que a centralização economica, esta acabaria com a centralização politica, com a policia, o exercito, a burocracia, a magistratura, etc. Se o Estado vive, será pois a mesma coisa para o capitalismo. Nós teremos então não o comunismo, mas sim o capitalismo de Estado.

Que a nossa propaganda seja pois sempre contra qualquer forma de autoridade e de governo.

VI

Tanto antes como depois da guerra, a maior divergencia em materia de ideias e de propaganda, como em materia de acção e de realização, tudo deriva da allitude assumida com respeito ao Estado. Si chegarmos ao fundo de todos os erros, as fraquezas, as impotencias e as traições constatadas no movimento operário e socialista ns acharemos sempre o estalinismo como causa primordial. A não ser algum caso raro de corrupção propriamente ou de abertação nacionalista.

Mas agora não devemos nos levar pelo odio feróz votado pela burguezia ao bolchevismo, ou seja ao socialismo de Estado.

É frequentissimo o caso de pessoas nascidas para entendem-se e que, ao contrario, acabou por quererem se extinguiam. A propria colligação mundial é disto um exemplo tipico. Como se explica pois o facto de que todos os imperialismos não compreenderam que a mais mediocre entidade valia muito mais para elles do que qualquer outra victoria guerreira? E, noutros termos, a historia não nos demonstra acaso que a burguezia e a aristocracia, após lutas sangrentissimas, acabaram por fundirem-se e amalgamarem-se numa só casta?

A antiga classe privilegiada encontrará na anarquia estalinista um meio para se constituir, augmentando e reformando a sua bel' prazer. Pois que mesmo quando a propriedade commum for realizada, nada nos garante, da equalidade no seu uso. E' preciso, pelo contrario, incluí-la a priori, si em vez de ter a gestão e o controle directo dos productos, teremos de nos submeter á policia, á justiça de Estado. A quem se poderá convencer de que existe igualdade entre o ditador Lenin e o proletario dilador «mugik» X, perdido no fundo «Nas estepez»?

«A natureza não gera nem criado nem amo», disse Diderot, e Lenin mesmo affirmou que: «a arte de governar não é mais do que a arte de fazer a guerra a experiencia». Sim, o é justamente aqui a mais triste experiencia de que nos fala a historia de todos os sonhos. Sem contar aqueles, que como os governantes bolchevistas pretendendo ter adquirido esta experiencia, não permitiram nem mais que a massa possa fazer opposição ao poder. Não é sómenteos do termo a ditadura que «eles gostam»; mas é, além de tudo, o facto que elle exprime.

Nós achamos necessario trazer a nova critica affirmo de que, nenhum de nós a esqueça com facilidade. Nós estamos a mais do que de accordo sobre a derubada, revolucionaria do poder do Estado actual — e fomos tambem os unicos a preconcizar, a por longos annos —, mas proclamamos desde já em *alta voz* que não é

Octavio Brandão.

Si se interessar o soberano mais poderoso da Europa sobre a sua actual situação, respaldada, sendo sincero, que mais que os formidaveis apetrechos de guerra e as alianças feitas em seu proprio por razões unificadas, o preoccupa e angustia qualquer greve fabric ou minera em territorio seu: um greve de fome desencadeada, sem outro meio seducido no politico que o do povo que marcha «para a morte», em nome de «propriedades estranhas», «fome», «fome», «Estado», «policia», «exercito», «guerra», «guerra», «guerra».

Não raças contra raças não soldados contra soldados, nem reis contra reis, nem republicas contra monarchias, e sim povos contra reis, militares contra poderosos. Luta desesperada, espanhola, eminentemente humana.

INUVENITE



### Conferencias de José Elias da Silva

Toda nos faz crer que a proxima semana, será uma boa semana de propaganda.

Na noite de 12, no Salão Celso Garcia, teremos uma farta messe de propaganda. As representações são o que ha de mais selecto no teatro revolucionario, não faltando a preciosa joia que é a comedia **O Pecado de Simônia**, do saudoso Neno, e que tantos applausos tem arrancado do nosso publico.

O companheiro José Elias fará uma conferencia sobre a obra iniciada por Francisco Ferrer. Dada a facilidade de argumentação e exposição que todos reconhecemos neste companheiro, é de supor que muito teremos a aproveitar ouvindo esta conferencia.

No dia 13 o mesmo companheiro fará a sua segunda conferencia no Salão do Centro Republicano Portuguez sendo a entrada paga e o seu produto destinado a defesa dos companheiros que foram deportados em Outubro do ano passado e ainda se acham recolhidos nos carcereiros da Espanha e Portugal.

Que cada trabalhador saiba cumprir com o seu dever auxiliando os deportados, é o nosso caloroso apelo.

## ABAIXO AS CONFUSÕES

Seja qual for a nossa satisfação ao vermos que se utilizam alguns dos nossos argumentos para debater o centralismo, o parlamentarismo e o reformismo, o que é certo, é que a chamada "fracção comunista" que se está desenvolvendo em diferentes países — não é anarquista. Essa fracção perfiha todas as concepções marxistas, concepções, contra as quais, se insubordinaram, ha mais de meio século, todos os libertarios. Aceatemos, além disso, que os auctores bolchevistas proclamam, sobretudo, a doutrina proletaria; enquanto que os anarquistas, tanto erigido não somente os governos ordinarios, mas também os proprios governos sendo revolucionarios.

Aos moderados do partido Socialista e das organizações sindicais, é muito facil demonstrar as inconsequencias dos avançados; estas inconsequencias, porém, não constituem, de nenhum modo a filosofia do anarquismo, antes sim, terra-terra, muito proprias do marxismo, por bem ou mal interpretado que ele seja.

Observemos igualmente que Lenine, como bom marxista não apoda de pequenos burguezes, quando escreve: — a evidencia dos factos prova-nos a veracidade da affirmacão de Carlos Marx de que o anarquismo e o socialismo anarquico não passam de tendencias burguezas, irreconciliaveis com o socialismo.

Muito bem. Preferimos esta franqueza a qualquer confusividade. Nós podiamos responder a Lenine que o seu programa, apesar de revisto, após a revolução (Demande de 21 de Janeiro de 1917) era nitidamente pequeno burguez e que, se sofreu, depois, profundas modificações, foi isso devido a pressão irresistivel das massas operarias e não a influencia de alguns teóricos que composamente se rotulam de socialistas.

A concepção marxista opinamos ainda, a 1.º Congresso de Saint Imier, em 15 e 16 de Setembro de 1872 formulada na seguinte resolução:

"Considerando, que as aspirações do proletariado não podem ter outro objectivo senão o de estabelecer uma organização e uma federação economicas absolutamente livres, baseadas no trabalho e na igualdade de todos e totalmente independentes de qualquer governo;

Considerando que esta organização e esta federação economicas têm de ser o resultado da acção espontanea do mesmo proletariado, dos seus gremios profissionais e dos municipios autonomos;

Considerando que todo o organismo politico tunc por fin instaurar o poder em beneficio duma classe e em detrimento das massas operarias e que se o proletariado quizesse apoderar-se desse poder, converter-se-ia, do mesmo modo, numa classe dominante e exploradora. O Congresso, reunido em Saint Imier, declara:

1.º — Que o principal dever do proletariado é destruir todo o poder politico.

2.º — Que toda a organização dum poder politico, embora transitoria e revolucionaria para levar a cabo esta destruição, não serve mais do que um novo indultorio, preparacão para o proletariado, pois que enfermaria dos mesmos males de que enfermam os governos actualmente existentes.

3.º — Que, repudiando toda e qualquer colaboração com os politicos para se chegar á revolução social, espera que os proletarios de todos os países organizem independentemente de toda a politica burgueza, a solidariedade da acção revolucionaria;

Para sermos tão claros e tão completos, como desejamos, ajuntamos a transcripcão dos mais considerandos duma outra resolução do mesmo Congresso sobre a organização da resistencia do trabalho;

A liberdade e o trabalho constituem a base da riqueza, da força, da vida e da riqueza do futuro. Mas se o trabalho não for livremente organizado, tornar-se-á oppressiva e improdu-

tivo para o proprio trabalhador; é por isso que a organização do trabalho livre é a condição indispensavel da verdadeira e completa emancipação do operario.

No entanto, o trabalho não pode exercerse livremente sem a posse das materias primas e de todo o capital social e, da mesma forma, também não se poderia exercere nessas condições, se o operario, emancipando-se da tirania politica e economica, não conquistasse o direito de desenvolver completamente todas as suas facultades. Todo o Estado, quer dizer o governo e toda a administração das massas populares, de cima para baixo, é necessariamente, pelo facto de burocracia, pelo exercicio de espionagem e pelo cetera e esse Estado jamais estabelecerá uma sociedade fundada no trabalho e na justiça, visto que, pela propria natureza da sua constituição, é obrigado, fatalmente a oprimir aquelle e a negar esta.

Segundo a nossa opinião, o proletariado nunca poderá emancipar-se da oppressão secular, se não substituir este corpo absorvente e desmoralizador — o Estado — pela livre federação de todos os grupos produtores, baseada na solidariedade e na igualdade.

É com effeito. Em varias partes se tem tentado organizar o trabalho para melhorar as condições do proletariado; mas a mais infima melhoria de situação, heu depressa e absorvida pela classe privilegiada que desenfreadamente, sem limites, explora continuamente a classe operaria. Todavia a vantagem desta organização, é a qual, mesmo dentro do actual estado das coisas, não podemos renunciar a ella; porque leva o proletariado a confraternizar cada vez mais na comunidade de interesses, exercitando-se, assim, para a vida colectiva e preparando-se para a luta suprema.

É mais ainda. A organização livre e espontanea do trabalho, que deve substituir o organismo privilegiado do proletariado do Estado politico, ha de ser, uma vez estabelecida, o garantimento do equilibrio do organismo economico contra o organismo politico.

Mas, deixando á iniciativa da revolução social os detalhes da organização positiva, entendemos que, por agora, é necessario organizar e solidificar a resistencia do trabalho numa ampla esfera. A greve é, para nós, um meio precioso de luta; não nos ludamos, porém, com os resultados economicos. Accionamos a como um produto do antagonismo entre o trabalho e o capital, cujas consequencias são: fazer com que os operarios se tornem de dia para dia mais conhecedores do abismo que existe entre a burguezia e o proletariado; fortalecer a organização dos trabalhadores e preparar o proletariado, por simples lutas economicas, para a grande luta revolucionaria e definitiva que, destruindo todos os privilegios e toda a distincção de classes, ha de dar, a quem trabalha, o direito de destruir o produto integral do seu trabalho, direito que he facultado igualmente, os meios de desvolvimento da colectividade toda a sua força intelectual, material e moral.

Estas ideias libertarias, formuladas contra todo o socialismo autoritario, sempre foram as nossas. Agora, pedimos simplesmente aos neo-comunistas e aos social-democratas, que tomem boa nota delas. Visto que, sem excepção, todos temos interesse em fazer ressaltar o mais exactamente possível as nossas particulares concepções, distinguamos, pois, a caracteristica de cada uma.

É para terminar apezar de Carlos Marx ter designado o partido socialista de partido comunista, os seus seguidores negaram o titulo. Porque? Porque, em realidade, sempre tiveram o proposito de não evoluir para o comunismo, para a democracia, para a liberdade, para a constituir simplesmente uma fracção da democracia politico-burgueza.

LUIZ BERTONI.

### AS VITIMAS DO TRABALHO

## Dezenas de operarios sob os escombros de um pavilhão, na Cristaleria Italia

### MORTOS E FERIDOS

É com verdadeira magua que registamos hoje, nestas columnas, mais um lamentavel desastre ocorrido em uma das fabricas situadas no bairro do Belenzinho, desta capital, e desta vez, além da proporção formal, e por circunstantias agravantes de ter havido manifesta condenação culpabilidade da parte dos proprietarios ou da gerencia — que apenas se preocupando em explorar os seus pobres operarios, não se lhes dá que estes sofram ou venham mesmo a ser victimas da falta de garantia nas dependencias do ergastulo em que a miseria os obriga não só a trabalharem e a produzirem para a prosperidade da respectiva empresa, mas também, ás vezes, estão sujeitos a morrer, estupidamente, como num mudo, para honra e gloria da nefanda instituição burgueza e capitalista.

Por isto, nada mais, nem menos, o que se deu sabado passado, á tarde, na Cristaleria Italia, onde se trabalhava dia e noite, sem cessar, devido ao grande numero de encomendas de sua freguezia. Ora, a gerencia havia ordenado a abertura de um fosso junto a uma columna a qual, cedendo, ruiu por terra abalando os vigamentos e o telhado, tudo desabando sobre os trabalhadores justamente na hora em que a primeira turma saia para dar entrada á segunda, que ia começar a sua tarefa.

É tudo, porque?

Não estaria a gerencia avisada do perigo?

Ha quem affirma que sim, havendo diversas vezes que dizem respeito á responsabilidade do gerente da empresa, o qual, de certo, preparará nos seus arquivos, favoravel por incutir proletores.

Mas nós, que defendemos as victimas da exploração burgueza, não nos convenceremos do contrario.

E os operarios vidreiros, com certeza, pensaram confuso, ouvindo que, em parte, são eles, também, os culpados não só deste, como de outros abusos de que têm sido victimas os companheiros de sua classe!

E como não?

Se estivessem fortemente organizados, poderiam estar livres de semelhantes desastres cuja origem reside no abuso e pouco caso das garantias e segurança que as fabricas oferecem aos trabalhadores.

Os desastres se succedem. Não ha muito tempo, na Cristaleria Colombo, morreu um pobre operario, num poço, deixando a familia ao desamparo e agora, na Cristaleria Italia, da firma Barone e Comp., á rua Passos, 80, desabou-se o teto de um dos departamentos da fabrica, fazendo inumeras victimas entre os trabalhadores, no meio dos quais se viam mulheres rapadas e até crianças, menores de 14 annos, que morreram, em idade que a lei proíbe, mas que os encarregados de a executar, talvez por complacencia ou, mais provavelmente, por suborno, permittem sejam explorados pelos gananciosos proprietarios dos estabelecimentos, industriais, que tanto as preferem, não só porque elas inconscientemente fazem grande concorrência aos trabalhadores adultos, mas, ainda se preferem para o motivo de serem forçados a trabalhar, dignos pela desmedida ambição ou pela deploravel condição de miseria de muitos pais ignorantes e incoficientes que procuram remediar a sua triste situação com o miseravel salario recebido pela exploração do trabalho de seus filhos que, desgraçadamente, em vez de frequentarem escolas, em vez de se preparar para a vida, são entregues á voracidade dos capitalistas, que as absorvem e matam, na época em que deviam viver, foltoz e enca-

ntados, como as flores, na plenitude da primavera e da vida! Como são barbaros e cruéis os senhores burguezes, os defensores do regime capitalista? É depois... fala-se em hospital para as crianças, fala-se em congresso de protecção á infancia, fala-se em associacão protectora dos animais!

Como são hipocritas e ridiculos os senhores burguezes! Pelam caridade, em beneficio, em filantropia, em protecção á infancia, em leis sobre os acci-tos do trabalho, em lei protectora dos animais, em leis sobre coisas bombasticas e artificiaes que não só não passam de imposturas e de moduras, como a procurar occultar as suas infamias, ás suas velharias, ás suas vergonhosas explorações!

É isso que temos observado, não só neste, como em todos os outros acontecimentos de que nossos companheiros operarios têm sido victimas.

Ora, a gerencia da fabrica já sabia da possibilidade do desastre, porquanto a execução do fosso para a construcção de um novo forno não só dava um motivo a prevenir-se o desabamento do teto daquelle departamento da fabrica, mas até reclamava a cuidado de uma prevenção além de evitar nefastas consequencias, visto a referida excavação achar-se proxima á columna em que se apoiavam o madeirame do telhado, que, afinal, curram, fazendo grande numero de victimas, das quais algumas vieram a falecer em consequencia da gravidade das lesões recebidas.

É diante de mais este facto, ainda os operarios vidreiros permanecerão de braços cruzados, inutilmente, sem movimento, sem de propósito e de nobelia contra a monstruosa exploração burgueza, não nos convenceremos do contrario.

Operarios vidreiros, avante! É preciso reorganizar a sua sociedade, para que ela se possa impôr perante os proprietarios das fabricas, obrigando-os a oferecer garantia á vida dos operarios que nelas trabalham.

JORÃO PINHO.

### Na fabrica de colchas dos Irmãos Martini & Piva

Na áncia de melhor, explorar os operarios que se acham nos diferentes mistérios desta fabrica, situada na Barra Funda estabelecimento os seus proprietarios um regulamento que não dispensamos de comentar, porque está abaixo de quaisquer comentarios, de tão clamorosa e evidente que é a prepotencia das suas draconinianas disposições.

Em consequencia disto, manifestou-se entre os operarios um movimento de revolta contra tal situação de arbitrio. Pretendeo repetir esse assomo de dignidade dos seus operarios, justamente revoltados, o socio Piva escolheu dentre eles, alguns sobre os quaes pudesse fazer recair o seu forvo odio.

E assim, mandou chamar á sua presença dos trabalhadores, e depois de os insultar passou ao terreno das ameaças, ás quaes não se cefliveram porque os demais companheiros correram em seu auxilio.

Impotente para dar expansão ao seu odio com esta, seu desejo, o prepotente patrio vingou-se do modo mais pultimista, despedindo do serviço da fabrica seis operarios.

Que os companheiros leccões vejam neste exemplo mais um incentivo para perseverarem na obra de sua organização, fortalecendo-a para que possam ter vida, semelhantes luctas á sua dignidade.

### A justiça das leis

O fabricante tem, de ano para anno, conscientemente, ao operario, a maior parte do seu lucro. Ora parece evidente que, tendo o industrial roubado a maior parte da propriedade do operario, deveria ser processado.

Quando o governo considera coisa sagrada a propriedade do fabricante adquirida por esse processo, mas condena o operario que metter dois kilos de cobre ántico da blusa, os quaes representam uma infamia, uma insignificante parcela da propriedade do fabricante.

Quando um operario intenta, em desobediencia de maeria e de fôrma, tomar aos ricos uma parte pequenissima daquilo que he lhes extorquido, em razão da complexidade das leis; quando um estofado toma um dos pões que os ricos, abusando da escassa dos generos, vendem ao operario por preços excessivos; quando um trabalhador pretende, por meio de uma greve, pôr uma corda ao petisco do patrão, viola o direito sagrado da propriedade e immediatamente o governo com a sua força armada, corre em auxilio do commerciante ou fabricante.

Este direito sobre o qual os ricos fundam a posse da sua terra, a cobrança dos impostos e o lucro do produto do trabalho dos outros homens, nada tem de comum com a justiça.

E estas injustissimas prerogativas não têm senão um fundamento — o da violencia armada.

LEON TOLSTOJ.

### Grupo d' "A Plebe"

Convidamos todos os componentes do grupo d' "A Plebe" a comparecer no reunião que deve realizar-se, terça-feira 11 do corrente em nossa reunião ás 19 horas.



O nosso cliêcê acima reprênta uma scena das mais interessantes, da comedia O PECADO DE SIMONIA, de Neno Vasco, que será levado á scena no dia 12, no salão Celso Garcia, em beneficio d' A PLEBE.

Extrairamos este cliêcê da capa da brochura que acaba de ser editada pelo Centro Juventude do Futuro.

# MANOEL PERDIGÃO

Os camaradas estão lembrados de Manoel Perdigão, um dos deportados da polícia paulista, em outubro do ano passado. O que, porém, muitos ignoram é que este camarada tenha estado todo este tempo — já faz um ano — encarcerado nos calabouços de Vigo.

Um ano encarcerado, sem que ao menos tivesse o mais insignificante motivo que lhe abominável monstruosidade justificasse! Nada mais que a estúpidez de um delegado melindroso, perverso e ridículo.

Perdigão estava trabalhando quando foi intimado por um tipo qualquer em nome do patifeiro Ibrani Nobre. Lá foi o nosso amigo certo de que nada lhe aconteceria; enganou-se, um destino cruel lhe estava, entretanto, reservado.

Uma vez na cadeia pública, Perdigão foi obrigado a assignar, livre proprio não sabe o que, foi ele mesmo quem ainda atorreado me falou de forma arbilhrada porque o haviam tratado. Nada me admirou não era o primeiro que me falava em tais violências; já no dia anterior, o Albino contava as cousas mais espantosas, não só me contava como me havia tratado, mas produziu todo cheio de lanhos, produzidos por golpes dados com as celebres botrâças.

Depois de tudo isto, Perdigão e os demais companheiros presos foram expulsos sem mais formalidades. Não obstante isto, o governo desta republica caricata, não estava ainda satisfeito, logo ainda mais, isto não lhe foi difficil conseguir com os governos de Hespanha e Portugal; tudo foi bem como chegaram a deportados que Portugal, eram recolhidos aos cárceres. Alguns com o auxilio de parentes conseguiram libertar-se. Os que como Perdigão estavam em terra desocupaçada, ficaram esquecidos nos calabouços.

Varios habeas-corpus foram aqui e no Rio impetrados em favor de Manoel Perdigão e todos foram negados, sob alegações varias. Só após um longo anno de martirio é que o Supremo Tribunal Federal, to mesmo tribunal que em outra occasião negou habeas corpus a Manoel Perdigão) acaba de conceder habeas corpus unanimemente em bom tempo se fosse possível aqui as incoerencias das leis, dos juizes e dos Tribunais, a lei entorrece e estica, de accordo com a posição da pessoa a quem deve ser aplicada.

M. C.

Estabelecimo a seguir as fundamentos do voto do relator, o ministro Sebastião Lacerda, carter de que dentro de poucas dias este ministro e os seus colegas negarão todos pedidos de habeas-corpus apresentados com as mesmas fundamentações do Manoel Perdigão.

Do fim de um ano este nosso companheiro é restituído a liberdade, mas ainda não podemos contar victoria; outros ainda continuam presos ou exilados. Francisco Ferreira, por exemplo, está com Perdigão em Vigo, e o seu crime é exactamente o de Perdigão, crime de resta, é o nosso. Eis porque apeloamos para todos os trabalhadores, esperando que façam com que todos os camaradas sejam restituídos a liberdade.

## O voto do ministro Sebastião de Lacerda

Na sessão de 30 de Setembro, proximo passado, entrou em julgamento no Supremo Tribunal Federal, o habeas-corpus impetrado a favor de Manoel Perdigão, sendo relator do facto o Sr. ministro Sebastião de Lacerda, que optou pela concessão da ordem impetrada.

O ministro Muniz Barreto pediu vista dos autos e, na sessão de hontem no Supremo, esmiuçou longamente a parte relativa à nacionalidade do paciente.

Disse o Sr. Muniz Barreto que não julgava sufficientes os documentos apresentados e comprovadores de que o paciente era de nacionalidade brasileira, mas tambem não podia affirmar, pela leitura dos autos, que Perdigão fosse hespanhol.

O Sr. ministro Sebastião de Lacerda, depois de examinar todos os documentos já contestados e relativos a nacionalidade de Perdigão disse, em resumo, no seu primeiro voto, que "aprovado como foi, essa nacionalidade, é irreversível a integridade do ato de capitulo do presente."

Desprezando-se dos autos o propósito de disfrutar no presente a prova da sua nacionalidade, havendo, portanto, concidencia em se apurar a responsabilidade dos que, porventura, tenham com corrido para tal fato.

Não pôde o Supremo Tribunal Federal admitir que, sob o pretexto de combater o anarquismo-as autoridades policiaes comettam abusos e atentados contra a liberdade pessoal. Uma campanha incoerente contra os "que patriam, em detrimento da ordem, aquela doutrina desprestigia o poder publico."

O paciente, por exemplo, affirma de ser cidadão brasileiro, não assistiu, como é indispensavel, aos depoimentos das testemunhas ouvidas pela policia de Santos.

Ao accusado se deve permitir o uso dos seus direitos em seu poder para denunciar sua inocencia.

Esse direito, que tem assento na lei natural, está consagrado em nossas leis positivas, mas não de todos os povos cultos, e se alienamos com o interesse da sociedade, pagando esta se arruina ante a possibilidade de cada um dos seus membros ficar exposto a perseguição e a marginalidade.

Toda a argumentação em prol da ordem publica ha de ceder a preceitos que demandam mesmo os períodos caritativos.

Se não é lícito ao individuo burlar a ação social fazendo com o processo crime ele instaurado não tenha ordenem fim, tambem não se o pode privar de garantias que sa inspiram no respeito à liberdade pessoal.

Não valem considerações, mesmo as que se referem à proteção de sociedade, para se justificar a violação de um principio absoluto, salutar, ficando a que se devem submeter as autoridades policiaes ou repressivas.

Julgase o relator dispensado de explicar o assumpto perante o Tribunal que, inúmeras vezes, tem empregado em findos pronunciados ou mesmo condenados, em processos letivos sem a observancia de formalidades essenciais a exercicio de direito de defesa.

A propria certeza, que é a dilatada comprehensão da defesa individual, com esta, desde que se exceda, já não é legitima, e se converte em instrumento de opressão; visando combater um excessos de liberdade, cal no excessos oposto, arvorando em principio o absolutismo.

Neste caso para decôr da Justiça, os atos manifestamente atentatorios de direitos individuais exigem um correctivo.

Assim se manifestou o Sr. ministro Sebastião de Lacerda na primeira vez em que o caso foi debatido no Supremo. Na sessão de hontem, o relator, resumindo o que consta do processo de habeas-corpus e as observações aduzidas na sessão de 29, acrescentou que o Tribunal "pouca" mediante o exame dos documentos exhibidos pelo impetrante e dos que foram remetidos pelo Sr. ministro da Justiça, profere a decisão que lhe pareceu justa.

E sabido que, nos processos criminaes, a condenação dos réos tem de basear-se na prova judicial, e não na que consta de inqueritos judiciaes, máras peças informativas, organizadas unicamente para o preparo dos primeiros elementos da accusação.

Naquelles processos, a confissão tem valor juridico somente na hypothese de ser livre e de collectar-se em circunstancias tão lato.

Vej-se dos documentos que acompanhava a informação do Sr. ministro da Justiça que, em um termo assigna lo pelo paciente, esse declarou, perante o delegado regional de Santos, ser natural de Hespanha, quando é certo que, em documentos anteriores, elle affirmava sua cidadania, hoje corroborada pela justificação que determinou o registro civil do seu nascimento em Santos, e pela certidão extraída de livro existente na paróquia do Rosário da mesma cidade.

Nos inqueritos policiaes, destinados à verificação de factos que legitimem, como procedente liberdade individual, a expulsão de estrangeiros que, como perigosos, por ameaçarem ou perturbarem a ordem e segun agra publica, ou stentarem habitualmente contra a moral e os bons costumes, ha cautelas a observar, por quanto reconhecido no Estado aquelle direito, não o deve exercer o governo, guiado, apenas, pelo seu arbitrio. A acção que lhe pertence, a tal respeito, não é lícita absoluta que escape ao exame do poder judicial.

Este, devidamente provada, em competencia para pôr o seu veto aos abusos,

fazendo respeitar as prerrogativas da liberdade, mantendo sempre o equilibrio entre os interesses da sociedade e os direitos individuais.

Um estrangeiro, pelo simples facto de ser indicado como anarquista, militante não está sujeito a ação discriminatória do governo, não lhe devendo ser recusado o direito de opor alegações e alegações.

Sua expulsão está muito longe de garantir a paz publica, se consulte uma arbitrariedade resultante de uma odiosa parte zeigão.

Audiendo as declarações atribuídas, por inquerito, ao paciente; sobre a sua nacionalidade, diz-se ingenuamente que elle, sabedor de que a qualidade de cidadão brasileiro impediria que fosse expulso de deixar o territorio patria, se arrisgasse perante quem que quizesse, a naturalidade hespanhã.

Em processo de expulsão foram juntas certidões estranhas do inquerito e processo instaurados contra o paciente em outros loges crime delimita, Art. 88 do Código Penal.

Provo, comtudo, o impetante que, além de haver o Sr. absolvido, por a nãmpiedade do paciente, das testemunhas em que se baseou o despacho de expulsão, não viu, essa mesma funcionaria da policia, se referia a repartição de Sãvredra do delicto.

## A crise universal

Sob o titulo acima, escreveu o Sr. Mario Pinto Serra, no "Estado de S. Paulo", de 16 de Agosto, um longo artigo, em que o autor pretende com argumentação "ad usum delphini" pulverizar as ideias avançadas. Começa o articulista por regalar a velha chapa da natureza que não dá salto, e que o mesmo se deve dar a sociedade; tudo deve-se operar por uma lenta e gradual transformação.

Estamos convencidos de que o Sr. Serra labora em erro; a natureza tambem teve o tem os seus períodos de evolução e revolução; para passar de um a outro período-evolutivo, períodos distintos e que se diferenciam profundamente, uma revolução na crósta terrestre é inevitavel e necessaria. As grandes convulsões de que têm sido teatro a superfície do globo através dos períodos primario, secundario, terciario e quaternario são a prova evidente das nossas asserções; assim tambem nos nossos dias a erupção de um vulcão, um terremoto, uma furacão marromoto, etc., não são na ordem physica dos phenomenos geologicos uma revolução local e boa?

Entrando no orden dos fenomenos sociais a historia nos diz que a humanidade para passar de um estado a outro de civilização, de um a outro regime politico tem que empregar a força e consequentemente realizar as revoluções. Para não irmos muito longe, basta citar a da Inglaterra do seculo XVII, a grande Revolução Franceza, a da Russia dos nossos dias, sem mencionarmos varias outras menores.

Quando os povos têm uma esclarecida consciencia dos seus direitos e estão dispostos a fazelos valer, não ha para quem apelar e pegar em armas e derrubar o poder que os tiraniza; porque, desgraçadamente, até hoje ainda não se deu o caso dos governantes renunciarem aos seus torpes privilegios por sua propria e espontanea vontade.

E tal que nesse clinco violento entre duas forças adversas haverá mortos e feridos; mas de quem a culpa: dos operários que querem instaurar um regimen de livre estaj e de liberdade para todos os dos capitalistas que querem continuar indefinidamente a explorar e roubar o povo trabalhador; e que são uma pequena minoria parasitaria?

Um momentaneo desajustamento mecânico social, inevitavelmente se dá em todas as sociedades; acção não ha já desajustamento no regimen burguez instaurado ha mais de um seculo?

Tudo isso porém é apenas temporario; uma nova ordem substituirá logo a desorden anterior.

Passando a tratar do dia de oito horas o articulista quer fazer acreditar que a crise que nos sobrevém é devida principalmente à diminuição de horas de trabalho; todos, portanto, somos levados a crer que os operarios

to as multitudes que as autoridades, junto ao inquerito dos autos da livre do mesmo paciente.

Em um etc. se refere, aos maltratos para pedir a sociedade que qualifica e expulsa e má; que não os olhe com desprezo; porquanto tem um cerebro que pensa e sob os seus andares um coração que palpita de amor por um mundo novo.

Em outro artigo expõe imbecilmente os factos do seu delicto, dizendo a pessoa a quem se dirige, que respeita a sinceridade da sua crença, por ser este de tolerancia imposto ao homem culto.

Nestas publicações não existe um topico de indagação ao crime ou à violação. Ora, a ideia não é susceptivel de compressão. Não se pode chegar, num regimen livre como é o nosso, ao estado de desajustos dos delictos de opinião.

A sombra do Estatuto Fundamental não permitida às reivindicações pacificas. A ação violenta das autoridades provoca a violencia regradada.

A titulo de vigilancia e zelo pelo orden social, não devemos suprimir a liberdade de pensamento.

Impedimo, portanto, o deferimento do pedido de habeas corpus para que o paciente seja restituído, sem prejuizo, e a visto, das medidas, que por outros motivos temem sido portencia contra elle decretadas ou ordenadas por autoridades espantosas.

de 25.400; 100 oje calçados que se comprava a 205.000 estão por se comprarem a 405.000; a 405.000; 100 oje; a 600.000; 100 oje; a 800.000; a 1.000.000; a 1.200.000; a 1.400.000; a 1.600.000; a 1.800.000; a 2.000.000; a 2.200.000; a 2.400.000; a 2.600.000; a 2.800.000; a 3.000.000; a 3.200.000; a 3.400.000; a 3.600.000; a 3.800.000; a 4.000.000; a 4.200.000; a 4.400.000; a 4.600.000; a 4.800.000; a 5.000.000; a 5.200.000; a 5.400.000; a 5.600.000; a 5.800.000; a 6.000.000; a 6.200.000; a 6.400.000; a 6.600.000; a 6.800.000; a 7.000.000; a 7.200.000; a 7.400.000; a 7.600.000; a 7.800.000; a 8.000.000; a 8.200.000; a 8.400.000; a 8.600.000; a 8.800.000; a 9.000.000; a 9.200.000; a 9.400.000; a 9.600.000; a 9.800.000; a 10.000.000; a 10.200.000; a 10.400.000; a 10.600.000; a 10.800.000; a 11.000.000; a 11.200.000; a 11.400.000; a 11.600.000; a 11.800.000; a 12.000.000; a 12.200.000; a 12.400.000; a 12.600.000; a 12.800.000; a 13.000.000; a 13.200.000; a 13.400.000; a 13.600.000; a 13.800.000; a 14.000.000; a 14.200.000; a 14.400.000; a 14.600.000; a 14.800.000; a 15.000.000; a 15.200.000; a 15.400.000; a 15.600.000; a 15.800.000; a 16.000.000; a 16.200.000; a 16.400.000; a 16.600.000; a 16.800.000; a 17.000.000; a 17.200.000; a 17.400.000; a 17.600.000; a 17.800.000; a 18.000.000; a 18.200.000; a 18.400.000; a 18.600.000; a 18.800.000; a 19.000.000; a 19.200.000; a 19.400.000; a 19.600.000; a 19.800.000; a 20.000.000; a 20.200.000; a 20.400.000; a 20.600.000; a 20.800.000; a 21.000.000; a 21.200.000; a 21.400.000; a 21.600.000; a 21.800.000; a 22.000.000; a 22.200.000; a 22.400.000; a 22.600.000; a 22.800.000; a 23.000.000; a 23.200.000; a 23.400.000; a 23.600.000; a 23.800.000; a 24.000.000; a 24.200.000; a 24.400.000; a 24.600.000; a 24.800.000; a 25.000.000; a 25.200.000; a 25.400.000; a 25.600.000; a 25.800.000; a 26.000.000; a 26.200.000; a 26.400.000; a 26.600.000; a 26.800.000; a 27.000.000; a 27.200.000; a 27.400.000; a 27.600.000; a 27.800.000; a 28.000.000; a 28.200.000; a 28.400.000; a 28.600.000; a 28.800.000; a 29.000.000; a 29.200.000; a 29.400.000; a 29.600.000; a 29.800.000; a 30.000.000; a 30.200.000; a 30.400.000; a 30.600.000; a 30.800.000; a 31.000.000; a 31.200.000; a 31.400.000; a 31.600.000; a 31.800.000; a 32.000.000; a 32.200.000; a 32.400.000; a 32.600.000; a 32.800.000; a 33.000.000; a 33.200.000; a 33.400.000; a 33.600.000; a 33.800.000; a 34.000.000; a 34.200.000; a 34.400.000; a 34.600.000; a 34.800.000; a 35.000.000; a 35.200.000; a 35.400.000; a 35.600.000; a 35.800.000; a 36.000.000; a 36.200.000; a 36.400.000; a 36.600.000; a 36.800.000; a 37.000.000; a 37.200.000; a 37.400.000; a 37.600.000; a 37.800.000; a 38.000.000; a 38.200.000; a 38.400.000; a 38.600.000; a 38.800.000; a 39.000.000; a 39.200.000; a 39.400.000; a 39.600.000; a 39.800.000; a 40.000.000; a 40.200.000; a 40.400.000; a 40.600.000; a 40.800.000; a 41.000.000; a 41.200.000; a 41.400.000; a 41.600.000; a 41.800.000; a 42.000.000; a 42.200.000; a 42.400.000; a 42.600.000; a 42.800.000; a 43.000.000; a 43.200.000; a 43.400.000; a 43.600.000; a 43.800.000; a 44.000.000; a 44.200.000; a 44.400.000; a 44.600.000; a 44.800.000; a 45.000.000; a 45.200.000; a 45.400.000; a 45.600.000; a 45.800.000; a 46.000.000; a 46.200.000; a 46.400.000; a 46.600.000; a 46.800.000; a 47.000.000; a 47.200.000; a 47.400.000; a 47.600.000; a 47.800.000; a 48.000.000; a 48.200.000; a 48.400.000; a 48.600.000; a 48.800.000; a 49.000.000; a 49.200.000; a 49.400.000; a 49.600.000; a 49.800.000; a 50.000.000; a 50.200.000; a 50.400.000; a 50.600.000; a 50.800.000; a 51.000.000; a 51.200.000; a 51.400.000; a 51.600.000; a 51.800.000; a 52.000.000; a 52.200.000; a 52.400.000; a 52.600.000; a 52.800.000; a 53.000.000; a 53.200.000; a 53.400.000; a 53.600.000; a 53.800.000; a 54.000.000; a 54.200.000; a 54.400.000; a 54.600.000; a 54.800.000; a 55.000.000; a 55.200.000; a 55.400.000; a 55.600.000; a 55.800.000; a 56.000.000; a 56.200.000; a 56.400.000; a 56.600.000; a 56.800.000; a 57.000.000; a 57.200.000; a 57.400.000; a 57.600.000; a 57.800.000; a 58.000.000; a 58.200.000; a 58.400.000; a 58.600.000; a 58.800.000; a 59.000.000; a 59.200.000; a 59.400.000; a 59.600.000; a 59.800.000; a 60.000.000; a 60.200.000; a 60.400.000; a 60.600.000; a 60.800.000; a 61.000.000; a 61.200.000; a 61.400.000; a 61.600.000; a 61.800.000; a 62.000.000; a 62.200.000; a 62.400.000; a 62.600.000; a 62.800.000; a 63.000.000; a 63.200.000; a 63.400.000; a 63.600.000; a 63.800.000; a 64.000.000; a 64.200.000; a 64.400.000; a 64.600.000; a 64.800.000; a 65.000.000; a 65.200.000; a 65.400.000; a 65.600.000; a 65.800.000; a 66.000.000; a 66.200.000; a 66.400.000; a 66.600.000; a 66.800.000; a 67.000.000; a 67.200.000; a 67.400.000; a 67.600.000; a 67.800.000; a 68.000.000; a 68.200.000; a 68.400.000; a 68.600.000; a 68.800.000; a 69.000.000; a 69.200.000; a 69.400.000; a 69.600.000; a 69.800.000; a 70.000.000; a 70.200.000; a 70.400.000; a 70.600.000; a 70.800.000; a 71.000.000; a 71.200.000; a 71.400.000; a 71.600.000; a 71.800.000; a 72.000.000; a 72.200.000; a 72.400.000; a 72.600.000; a 72.800.000; a 73.000.000; a 73.200.000; a 73.400.000; a 73.600.000; a 73.800.000; a 74.000.000; a 74.200.000; a 74.400.000; a 74.600.000; a 74.800.000; a 75.000.000; a 75.200.000; a 75.400.000; a 75.600.000; a 75.800.000; a 76.000.000; a 76.200.000; a 76.400.000; a 76.600.000; a 76.800.000; a 77.000.000; a 77.200.000; a 77.400.000; a 77.600.000; a 77.800.000; a 78.000.000; a 78.200.000; a 78.400.000; a 78.600.000; a 78.800.000; a 79.000.000; a 79.200.000; a 79.400.000; a 79.600.000; a 79.800.000; a 80.000.000; a 80.200.000; a 80.400.000; a 80.600.000; a 80.800.000; a 81.000.000; a 81.200.000; a 81.400.000; a 81.600.000; a 81.800.000; a 82.000.000; a 82.200.000; a 82.400.000; a 82.600.000; a 82.800.000; a 83.000.000; a 83.200.000; a 83.400.000; a 83.600.000; a 83.800.000; a 84.000.000; a 84.200.000; a 84.400.000; a 84.600.000; a 84.800.000; a 85.000.000; a 85.200.000; a 85.400.000; a 85.600.000; a 85.800.000; a 86.000.000; a 86.200.000; a 86.400.000; a 86.600.000; a 86.800.000; a 87.000.000; a 87.200.000; a 87.400.000; a 87.600.000; a 87.800.000; a 88.000.000; a 88.200.000; a 88.400.000; a 88.600.000; a 88.800.000; a 89.000.000; a 89.200.000; a 89.400.000; a 89.600.000; a 89.800.000; a 90.000.000; a 90.200.000; a 90.400.000; a 90.600.000; a 90.800.000; a 91.000.000; a 91.200.000; a 91.400.000; a 91.600.000; a 91.800.000; a 92.000.000; a 92.200.000; a 92.400.000; a 92.600.000; a 92.800.000; a 93.000.000; a 93.200.000; a 93.400.000; a 93.600.000; a 93.800.000; a 94.000.000; a 94.200.000; a 94.400.000; a 94.600.000; a 94.800.000; a 95.000.000; a 95.200.000; a 95.400.000; a 95.600.000; a 95.800.000; a 96.000.000; a 96.200.000; a 96.400.000; a 96.600.000; a 96.800.000; a 97.000.000; a 97.200.000; a 97.400.000; a 97.600.000; a 97.800.000; a 98.000.000; a 98.200.000; a 98.400.000; a 98.600.000; a 98.800.000; a 99.000.000; a 99.200.000; a 99.400.000; a 99.600.000; a 99.800.000; a 100.000.000; a 100.200.000; a 100.400.000; a 100.600.000; a 100.800.000; a 101.000.000; a 101.200.000; a 101.400.000; a 101.600.000; a 101.800.000; a 102.000.000; a 102.200.000; a 102.400.000; a 102.600.000; a 102.800.000; a 103.000.000; a 103.200.000; a 103.400.000; a 103.600.000; a 103.800.000; a 104.000.000; a 104.200.000; a 104.400.000; a 104.600.000; a 104.800.000; a 105.000.000; a 105.200.000; a 105.400.000; a 105.600.000; a 105.800.000; a 106.000.000; a 106.200.000; a 106.400.000; a 106.600.000; a 106.800.000; a 107.000.000; a 107.200.000; a 107.400.000; a 107.600.000; a 107.800.000; a 108.000.000; a 108.200.000; a 108.400.000; a 108.600.000; a 108.800.000; a 109.000.000; a 109.200.000; a 109.400.000; a 109.600.000; a 109.800.000; a 110.000.000; a 110.200.000; a 110.400.000; a 110.600.000; a 110.800.000; a 111.000.000; a 111.200.000; a 111.400.000; a 111.600.000; a 111.800.000; a 112.000.000; a 112.200.000; a 112.400.000; a 112.600.000; a 112.800.000; a 113.000.000; a 113.200.000; a

# Grande festival em benefício de A Plebe

em comemoração ao fuzilamento de Francisco Ferrer  
No firme propósito de acabar com o déficit de A Plebe, o CENTRO JUVENIL DO FUTURO organizou mais um festival, que se realizará no dia 12 de outubro, no salão Celso Garcia, obedecendo ao seguinte

### PROGRAMA

- 1.a PARTE — Abertura pela orquestra;
- 2.a PARTE — Conferência pelo companheiro José Elias da Silva, que para esse fim virá do Rio;
- 3.a PARTE — **Avatar**, drama em um ato, de Marcelo Gama;
- 4.a PARTE — **O Pecado de Simônia**, comédia em um ato, do camarada Neio Vasco;
- 5.a PARTE — **Os Milhões da Corcundinha**, hilariante comédia em um ato;

Terminará o espetáculo com uma boa quermesse. Aos amigos de A Plebe chamamos a atenção para a quermesse deste festival, esperando que com tempo nos enviem prendas, que desde já podem ser mandadas para a nossa redação ou para a rua Uruguaiana, 108, S. Paulo, antes de 12/10.

O Secretário

## Abaixo a lei monstro!

## Abaixo a tirania!

Companheiros, alerta!  
E' preciso, urge a nossa ação!  
Ha' momentos em que o silêncio é um crime, uma infâmia, uma deshonra, porque imporia a renúncia de direitos a vida, a liberdade e a liberdade. E este é um deles.  
A lei monstro ai vem!  
Os nossos inimigos, os inimigos dos trabalhadores, das liberdades populares, tremam contra nós, contra as nossas associações, contra as nossas ideias libertadoras, contra a nossa obra de justiça e de redenção humana. Eles preparam no Congresso o golpe que nos ameaçam. Não podendo mais calar o seu receio e odio, diante das frequentes manifestações das massas obreras que se encaminham franca e resolutamente para a conquista gradual e progressiva de seus direitos, lutam contra a exploração burguesa e capitalista — os senhores detentores do capital e da riqueza social, servindo-se dos elementos reacionarios que os representam perante o governo, preteriram agora, por meio de leis, reprimir a propagação das ideias que dizem respeito a emancipação do proletariado e a obra de organização e defesa por ele mantida até o presente, procurando reduzir o a triste e deprimente condição de escravo, só comparavel á das pobres vítimas do regime decalado a 13 de maio de 1888.

Na nossa mais formal e veemente protesta, com a nossa ação decidida e resoluta para a manutenção de nossas direitas de associação e de reunião, de opinião e de critica pela tribuna e pela imprensa em atos de propaganda e defesa dos princípios socialistas e revolucionarios em que se baseiam as nossas organizações.  
A União dos Trabalhadores Graticos de S. Paulo identificada com as suas comitês, não pode manter-se indiferente ante a situação atual, nem isso seria incompativel com o seu bro e a sua dignidade.  
Eis, porque, solidaria com a atitude das organizações proletarias deste país, manifesta a sua repulsa contra as intenções de Adolfo Gordo e Arnaldo Azeredo fazendo com todos os que os sentem oprimidos e avilados com a perspectiva monstruosamente terrivel dessa lei que por mais draconiana que venha a ser jamais conseguirá sufocar os sentimentos de liberdade e de justiça acalentados pelos trabalhadores do Brasil, que, apesar de tudo, embora seja a lei sancionada, continuaram como sempre a pensar e a agir desassombradamente de acordo com as circunstâncias e com os seus sentimentos humanamente justos.

O czarismo não mudou o regime revolucionário nem a sua natureza, a exploração de liberdade dos trabalhadores russos que hoje depois da sua revolução, eliminaram todos os tiranos e implantaram o regime novo, que prescinde o grande e elevado principio de justiça traduzido no art. 18 de seus estatutos — *Quem não trabalha não come!*  
Assim acontecerá, também, no Brasil, com a lei de compressão ou sem ela — porque não a evagina poderá fugir á lei da elevação dos trabalhadores em marcha para a conquista de seus ideais de justiça e liberdade!

Alerts, companheiros!  
Não só os graficos, mas também todas as outras classes operarias e o povo brasileiro em peso, todos nós devemos revoltar-nos contra a lei monstro, brando alto e bom som. Paratraz, traidores! leg-ladrones! Nós vos repulamos e vos abominamos!  
Para traz, traidores do povo!

U. T. GRAFICOS.

Alerts, companheiros!  
Salvem-nos a nossa dignidade ameaçada! Cerremos as fileiras, prontos para a defesa de nossos direitos á liberdade, ao bem-estar e á vida. Respondamos aos insultos contidos nessa lei monstro!

Delib' espionagem, contendo poemas e canções contra o inimigo e o italiano; alguns dos quais escritos depois da Revolução Russa.

## Trechos

**O Destino.** — Na opinião daqueles que ainda estão revididos de certos preconceitos adquiridos ou herdados, o Destino é a vida e todas as fases por que passa um ser qualquer.  
No entanto, segundo o meu modo de pensar, o Destino não é senão mera coincidência de fatos, estudos e fenomenos naturais com a evolução dos tempos.  
Si um ser, ao nascer ou mesmo ao ser concebido, tivesse uma linha já traçada pelo sentenciador do Destino, como dizem, inutil seriam as instruções em geral, a luta pela vida e outros esforços que, principalmente o homem, é obrigado a travar pela sua subsistencia.  
Por conseguinte, o destino é uma palavra vaga e indefinida que se poderia juntar a tantas outras que constituem o vocabulário místico, pois a palavra Destino não passa de um mito.

**O jogo.** — O jogo é um dos vícios que sômente atrai, como dizem os tais moralizadores, os fracos d'espírito e os ambiciosos. Intelectualmente, quando se quer combater um mal, semelhante ao jogo, ou mesmo reprimi-lo, a única coisa que se visa é o efeito. Ora, si o efeito é originado por uma causa, é logico que se deveria combater a fraqueza de espírito e a ambição.  
Mas, si a fraqueza de espírito e a ambição, como está provado, são produtos daqueles que têm o dever de combater ou curar estes males, claró está que o jogo não desaparecerá.  
Reprimi o jogo, é neste caso, como as ideias, alimentado.  
Acabando-se os produtores do egoismo e traído-se dos doentes d'espírito, o jogo e todos os outros males que por ele são produzidos, deixarão de existir.

**A Vaidade.** — A vaidade é resultante da falta de harmonia e de pelo desequilíbrio moral em que desorganizadamente se encontra constituída a humanidade.  
E', comparadamente, uma torre de Babel de que fala a Bíblia segundo a qual, os filhos de Noé quizeram-lhe construir afin de chegar ao céu, mas foram por Deus castigados por meio da confusão de línguas, não conseguindo realizar o seu pretencioso sonho.  
O mesmo, ou quasi, aconteceu logo com a vaidade.  
A maior parte da Humanidade pretende vaidosamente chegar ao mais alto grau de superioridade, quando deseja gozar dessa superioridade, relativamente aos que se encontram em degraus inferiores.  
Mas esta maioria, diminuindo sempre, não conseguirá o seu insensato desejo; como os filhos de Noé, será amulhada, não por um Deus-fictício de que a Bíblia nos informa mas sim por um verdadeiro, embora também abalizado: o equilíbrio moral dos seres humanos por terem as escadarias por onde eles sobem, uma infinidade de degraus diferentes em proporção, de cuja confusão resulta este ou ilicido perante a moralidade natural das coisas.

ANTONIO TROTTE.

**Operários: Divulgai A PLEBE!**  
"VOZ DO POVO,"  
Diário da manhã do grande formato  
PORTA-VOZ DAS CLASSES LABORIOSAS DO RIO DE JANEIRO  
COLABORAÇÃO DOS MILITANTES DA VANGUARDA E DOS PUBLICISTAS BRAZILEIROS ESTUDIOSOS DA QUESTÃO SOCIAL  
Todos os partidarios da causa da liberdade e todos os operarios devem assinal-o ou compral-o avulsamente  
REDAÇÃO: — RUA DA CONSTITUIÇÃO, 12  
RIO DE JANEIRO  
Representante em S. Paulo, Cecilio Martins, lad. Porto Geol. 9, a quem podem ser feitos pedidos de assinatura e numeros avulsos

## Neno Vasco

Ainda não nos foi possível enviar o resto do dinheiro que temos em nosso poder, porque os camaradas a quem confiamos listas ainda não se devolveram, apesar dos nossos avisos, esperamos que os camaradas avisados neste nosso ultimo envio, devolvendo-nos as listas, com as respectivas importâncias ou em recibos que ainda nos faltam receber: n. 2, a cargo de Carlos Dias (Rio); n. 3, a cargo de Manuel Quezada (Rio); n. 5, a cargo de Arzu (Rio); n. 7, a cargo de Scudelario (S. Paulo); n. 8, a cargo da U, das T. G. (S. Paulo); e n. 11, a cargo de José Cerruti (S. Paulo).

### LISTAS RECEBIDAS

Lista n. 1-A. de Plobo	443600
Fernando Brígido	823500
Vicente Martins	100300
H. Fernandes	2500
414-Elio	300000
4-Voz do Povo	265400
Deste dinheiro mandamos em 600	
esendão	576300
Resta em nosso poder	308400

Esta importância será remetida, bem como todas as demais quantias que nos sejam enviadas, até a proxima semana.  
E' nosso proposito fazer chegar este dinheiro ás mãos dos filhinhos do nosso saudoso camarada por intermedio d'A Comuna, do Porto.

## Jesus Cristo era anarquista

Acaba de aparecer este opusculo, editado pelo grupo d'A Plebe e da autoria do camarada Everardo Dias.  
Os camaradas que desejem adquirir este folheto devem dirigir-se á nossa redação, la-deira Porto Geol. 9. — Preço 200 réis.  
Os pedidos de mais de 25 exemplares terão um desconto de 30 o/o, devendo ser acompanhados das respectivas importâncias.

**AGENCIA LUX**  
Fundou-se na capital da Republica esta agência, cujo principal ramo de commercio é a venda e edição de obras sociais, literarias e scientificas que correspondam ás exigencias dos tempos modernos.  
Quem deseja obter catalogos dirija-se para a avenida Rio Branco, 173, 2o andar (entrada pela rua Chile, 14), Rio de Janeiro.

## Conferencia

Em benefício do Comité Pro-Deportados e Presos realiza-se uma conferencia paga no salão do Centro Republicano-Portuguez, no dia 13 do corrente, ás 20 horas, sendo ao mesmo tempo comemorada a data do fuzilamento de Francisco Ferrer. Conferencista será o camarada José Elias da Silva, que para esse fim virá do Rio, onde é redactor da "Voz do Povo".  
Os ingressos para esta conferencia estão com o camarada Cecilio Martins e em nossa redação.

## Nossa Biblioteca

Memorias de um Exilado - Everardo Dias	15000
No País dos Frades - José Rizal	8500
Eletra (drama) - Anticlerical Pérez Galdós	8500
O que é o Maximismo ou Bolchevismo - Helio Negro e Edgar Leuenroth	3300
Evangelho das Livres - Alton Schmidt	4200
A Crise do Populismo - Astrolio Pereira	3200
A verdade acerca da Revolução Russa - Ed. Metzner	15000
Jesus Cristo era Anarquista - Everardo Dias	2200
O que querem os anarquistas - Jorge Tonar	2200
Cancioneiro Vermelho - Misericórdia - D. R. Filho	18000
Cristo no Vaticano - Victor Hugo	2200
Batismo - Um Pai de Família	1100
A Inquisição - Eugenia Pelletan	2200
Abusos e Erros do Catolicismo - Abade João Meslier	550
Detrocada Ultramontana - Dario Veloso	2200
O Livro da Verdade - A. I. Betoldi	3300
O Sagrado Coração de Jesus - Doutor N. Roubi	2200
A Igreja e o Povo	2200
O Milagre de Frei Leonardo - Francisco Fernandes Lima	3300
A Velhice do Padre Eternal - Guerra Janquero	2200
Da Religião á Anarquia - Manoel J. da Silva	3300
Aos Camponeses - Ricardo Mella	2200
Programa Socialista Anarquista - Malatesta	2200

## EM ITALIANO

Godi Cristo non è mai esistito - Emilio Bossi	25000
Deseriger (romanzo social) - V. Vacirca	18500
Almanacco delle Rivoluzioni	5500

## Em Benefício d'A OBRA

Pela Joteria da Capital Federal a extrair-se no dia 25 de Outubro, rifar-se-á, em benefício da revista "A Obra" um bellissimo quadro, original do camarada A. de Lasheras, copia historica do movimento revolucionario de 1903, na cidade de Bakú (Russia).  
Esperamos que todos os companheiros apressar-se-ão por munirem-se de bilhetes, além de multiplicar os recursos para a publicação d'A Obra.  
Pedidos á redação, ladreira Porto Geol. 9.

## Grande Festival

Com o proposito de angariar recursos monetarios para defender os camaradas que ainda estão presos nos carceres da Espanha e nas colônias africanas, o Comité Pro-Deportados e Presos na Europa e Africa organizou um festival para o dia 23 do corrente, no salão Celso Garcia, obedecendo ao seguinte:

### PROGRAMA

1.a parte — Ouverture pela orquestra;  
2.a parte — Conferência por um camarada;  
3.a parte — Drama em tres atos *Os Filhos da Canalia*;  
4.a parte — Comedia em um ato *Il Veleno*;  
Finalizará o espetáculo com uma boa quermesse e leilão de prendas.  
As camaradas que queiram enviar prendas para esta quermesse e leilão, devem enviar-as para a nossa redação ou para a rua Uruguaiana, 108.  
Tendo em conta os fins a que se destina este beneficio, esperamos que os trabalhadores e todos os homens que alimentam aspirações de justiça, saberão cumprir com o seu dever, contribuindo para libertar os nossos companheiros das garras da burguezia européa e brazileira.

## DE CAMPINAS

Apesar da reação burguesa, um punhado de libertarios não descurou a propaganda das nossas ideias, dando provas da sua atividade, dando nos constante mente pedidos de folhetos que são distribuidos aos trabalhadores da localidade.  
Os capitalistas e os chefes politicos procuram dificultar esta obra por todos os meios, não podendo obrigar os nossos camaradas a desistir de fazer propaganda anarquista, vingam-se em criar dificuldades á organização operaria.  
Pelas razões expostas, os camaradas de Campinas, na impossibilidade de continuar com as duas sociedades que existiam *União Operaria de Mato* e *Liga Operaria de Mato* resolveram dividir pelo fim de setembro o dinheiro existente em caixa, locando 1000000 de A Plebe e 1000000 para A OBRA.  
Aos camaradas de Campinas enviamos os nossos agradecimentos, e fazemos votos para que o mais breve possível venham as dificuldades criadas pela burguezia e voltem dar vida ás fallidas associações operarias.

## O que querem os anarquistas

Acha-se á venda este interessantissimo folheto de propaganda dos ideais anarquistas, que já foi editado em 1906 pelo grupo de "Terra Livre", e de cuja edição não resta um unico exemplar á venda, raro, sendo os exemplares existentes mesmo em mãos de particulares.  
Os camaradas que quiserem fazer aquisição deste folheto, que vem a proposito para esclarecer a atmosfera dubia que nos inspira inimigos se esforçam por intensificar em torno do subilite ideal anarquista, acionando os seus prosélitos de incendiarios, dinamiteiros, assassinos e outras infâmias proprias dos nossos detra-tores, podem desde já fazer os seus pedidos á administração d'A PLEBE, ladreira Porto Geol. 9, Caixa Postal 109, S. Paulo, pe los seguintes preços:

1 exemplar	\$200
25 "	\$5000
50 "	\$8500
100 "	\$16000

Os pedidos devem ser acompanhados das respectivas importâncias.

## Nosso balancete

ENTRADAS	
VENDA AVULSA	
Em S. Paulo	68500
Avulsos	2000
FÓLHETOS:	
Diversos	248100
ASSINATURAS	
A. Vitzoto (P. de Casas)	30300
Talho numero 171	5900
SUBS. VOLUNTARIA	
S. Z. (S. Paulo)	10500
A. V. (Poços de Caldas)	21000
Lista n. 49 M. R. F. (Luz Carlos)	32300
A. M. Garcia (Franco)	25500
D. D. Pina (Taquaritinga)	40500
Exaristo Popolino (Rio Claro)	9500
Nicolau Mattiuz (P. Alegre)	59300
F. M. (S. Paulo)	18000
Soma	222900
DESPESAS	
Deficit do balancete publica-do no numero anterior	316500
Feltura do numero 84	372000
Selos	7800
Ciliché para o numero 84	10000
Barrabê	38500
Um sacco para encaixados	1800
Despachos diversos	161800
Carrete	5800
Bande (administracão)	1900
Aluguel da casa	63000
Limpez. da casa	5800
Um tapiz	450
Soma	708600
RESUMO	
Entradas	222900
Despesas	708600
Deficit	485700